

CONSTRUINDO IDENTIDADES: LITERATURA, CORPO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Lauro Eduardo do Couto ¹
Garine Andréa Keller ²

RESUMO

Este relato apresenta as atividades realizadas durante o Estágio Curricular no Ensino Fundamental, na EMEF São João, em Lajeado, como parte do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês. Estruturado no projeto interdisciplinar Construindo Identidades: Literatura, Corpo e Diversidade na Escola, que integrou Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa, o estágio abordou temas como identidade e diversidade, frequentemente associados ao bullying escolar, utilizando a literatura como ferramenta para reflexão e transformação social. O objetivo principal foi promover o autoconhecimento e a empatia entre os estudantes, valorizando as singularidades individuais. As atividades incluíam leituras compartilhadas, discussões e produções criativas, baseadas em obras como A Bolsa Amarela, Quarto de Despejo e Extraordinário. Essas práticas foram enriquecidas por dinâmicas de análise linguística e pela inclusão da música Firework, de Katy Perry, que fomentou debates sobre autoimagem e autoestima. O relato detalha as etapas de planejamento, execução e avaliação das ações, destacando os desafios enfrentados e os progressos alcançados. Realizado com uma turma do 6º ano, o estágio revelou dificuldades, como a leitura fluente e a escrita coesa, mas também demonstrou o potencial dos alunos para reflexões profundas quando estimulados por práticas pedagógicas sensíveis e intencionais. A experiência reafirmou o papel da literatura como recurso pedagógico essencial na problematização de questões identitárias e no fortalecimento de um ambiente inclusivo e acolhedor.

Palavras-chave: Identidade, Diversidade, Literatura, Corpo, Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um momento essencial na formação docente, pois oferece a oportunidade de consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso através de uma prática pedagógica orientada e reflexiva. Durante essa etapa, é possível vivenciar o planejamento, a execução e a análise de atividades de ensino, promovendo uma compreensão mais profunda sobre os seus desafios e as suas possibilidades.

Neste relato, compartilho as experiências vividas durante o Estágio Curricular do Ensino Fundamental, realizado no Curso de Licenciatura em Letras - Português e Inglês, da Universidade do Vale do Taquari - Univates. As atividades foram desenvolvidas por meio de um projeto interdisciplinar nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa, com a

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari - Univates. lauro.couto@universo.univates.br;

² Professora orientadora: Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul/RS. Docente do Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari - Univates. gkeller@univates.br.



turma do 6º ano A2 da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João, localizada em Lajeado.

Devemos ter em mente que a escolha do tema é “o ponto de partida para a definição de um projeto de trabalho” (HERNÁNDEZ; VENTURA, 2017, p. 64). Nessa etapa, os objetivos já estão presentes, ainda que não totalmente claros. É essencial, nesse processo, considerar a relevância social, a conexão com a realidade dos alunos e o potencial do tema para promover aprendizagens significativas.

Diante de um Projeto de trabalho, o realmente importante não é o que a professora faz, e sim o processo de tomada de decisões que realiza quando escolhe alguns materiais e não outros, quando espera um resultado frente a outro também possível, quando se propõe alguns objetivos entre uma multiplicidade (HERNÁNDEZ; VENTURA, 2017, p. 104).

Intitulado *Construindo Identidades: Literatura, Corpo e Diversidade na Escola*, o projeto foi elaborado com o objetivo de promover reflexões sobre identidade e diversidade, que muitas vezes estão na origem do *bullying* no ambiente escolar. E a literatura foi escolhida como eixo central do projeto por sua capacidade de sensibilizar e envolver os alunos em discussões significativas sobre questões complexas.

As intencionalidades foram definidas para alinhar as práticas pedagógicas às demandas contemporâneas da educação e para implementar atividades que favorecessem a integração dos componentes curriculares. Essa abordagem teve como propósito respeitar as especificidades de cada área e, ao mesmo tempo, explorar suas interconexões, evidenciando como os conhecimentos dialogam e se complementam.

Entre as metas estabelecidas, destacou-se o estímulo à leitura crítica e à interpretação literária por meio de obras que abordam identidade e diversidade, proporcionando aos alunos ferramentas para discutir essas questões de forma consciente e empática. Também foram priorizadas atividades que incentivassem a produção textual, a oralidade e o pensamento crítico, utilizando dinâmicas criativas e discussões em sala de aula.

Além disso, buscou-se avaliar a receptividade dos alunos aos temas transversais, identificando suas potencialidades e dificuldades ao tratar desses tópicos. O estágio teve como foco a criação de um ambiente inclusivo e participativo, no qual os alunos se sentissem motivados a compartilhar suas opiniões e experiências, contribuindo para um espaço acolhedor, propício ao diálogo e ao respeito mútuo.

As etapas do estágio incluíram leituras teóricas, ambientação na escola, observação da turma, planejamento das atividades, momentos de regência e análise dos resultados. Entre as atividades realizadas, destacaram-se as leituras compartilhadas de obras literárias, as



discussões coletivas, as produções artístico-literárias criativas e as produções textuais, todas voltadas a estabelecer conexões entre as vivências dos alunos e os temas abordados.

Este relato também apresenta uma análise crítica do processo, refletindo sobre a proposta de ensino, os avanços alcançados, os desafios enfrentados e as aprendizagens que marcaram essa experiência. O estágio foi, sem dúvida, uma oportunidade única para compreender o potencial da prática pedagógica e o papel da literatura no fortalecimento de identidades e no combate a preconceitos dentro do ambiente escolar.

METODOLOGIA

Para relatar as atividades desenvolvidas, optei por dividi-las em três momentos distintos, destacando, no entanto, a conexão entre eles. O primeiro momento foi de estudo, observação e planejamento. Nesse período, foram lidos e discutidos com a professora orientadora textos fundamentais para embasar o trabalho. Em seguida, realizei as observações na escola parceira e passei a planejar o projeto e a sequência didática, sempre com orientação. O segundo momento foi a regência, em que pude aplicar as horas de estudo, planejamento e elaboração de materiais.

Por fim, o momento final consistiu na avaliação do processo, na reunião de todas as atividades realizadas e na reflexão sobre as marcas deixadas. No início, é difícil delimitar o término de uma atividade e o início de outra, pois trabalhar com ensino implica um ciclo contínuo de estudo, planejamento, elaboração, execução, avaliação e reavaliação. A avaliação é inevitável e, durante o processo, oferece oportunidades de ajuste. Quando a última atividade com a turma é encerrada, inicia-se um longo período regido pelo tempo: o momento de revisitar as memórias, analisá-las, enaltecer o que foi significativo e compreender os aspectos que precisam de aprimoramento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos primeiros encontros para tratar do estágio, definimos um cronograma de atividades e os passos necessários, incluindo a escolha de uma escola que recebesse estagiários. Essa decisão, embora pareça simples, é carregada de intencionalidade, pois reflete objetivos e expectativas específicas para a prática docente. A EMEF São João foi escolhida tanto pela proximidade territorial quanto pela relação afetiva com seu corpo docente, o que reforçou a

confiança para o desenvolvimento do estágio.



Com a escolha da escola e a definição de que o estágio seria conduzido por meio de um projeto interdisciplinar, iniciamos leituras e encontros de estudo para construir as bases teóricas do trabalho. Nesse processo, seguimos as concepções de Hernández e Ventura (2017), que veem o ensino por projetos como uma ferramenta para abordar os desafios educacionais contemporâneos. Segundo esses autores, um projeto pedagógico deve buscar soluções, ser flexível e incluir os conhecimentos prévios, as necessidades e os interesses dos alunos, promovendo aprendizagens significativas. Essa abordagem considera o todo: as relações socioculturais, o contexto vivido pelos alunos e as demandas educacionais, permitindo que as ideias iniciais evoluam e se adaptem ao longo do processo.

A confirmação da EMEF São João para a realização do estágio e a designação para trabalhar com uma turma de 6º ano trouxeram um sentimento de entusiasmo misturado com apreensão. O desafio inicial foi alinhar as necessidades da turma com os objetivos do estágio e os princípios do ensino por projetos, de forma a criar um percurso de aprendizagem que estimulasse reflexão, criatividade e colaboração. A próxima etapa envolveu ambientação na escola, observação da turma e definição do tema ou gênero literário que serviria como ponto de partida para estruturar o planejamento.

Na chegada à escola, me senti acolhido por todos os profissionais. Em reunião com as professoras regentes de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, obtive informações importantes sobre a turma, a dinâmica das aulas e os planejamentos em andamento. Elas relataram que os alunos estavam em uma fase inicial de contato com a Língua Inglesa e que atividades simples seriam mais adequadas. Além disso, havia a necessidade de trabalhar conteúdos relacionados à classe gramatical dos adjetivos. A partir dessas informações, alinhamos as atividades de observação e definimos um cronograma para iniciar a regência, garantindo que os objetivos do estágio estivessem em sintonia com o planejamento pedagógico já existente.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São João (EMEF São João), situada na Rua Carlos Spohr Filho, 3320, no bairro Moinhos d'Água, em Lajeado, Rio Grande do Sul, atende cerca de 400 alunos de diferentes faixas etárias, inseridos em contextos socioeconômicos semelhantes. A maioria dos estudantes é proveniente do próprio bairro, não pertencendo à zona central da cidade e enfrentando dificuldades no acesso a bens de consumo devido à renda familiar. No entanto, destacam-se pela rica diversidade cultural e racial que caracteriza a comunidade escolar.

A proposta pedagógica da escola segue o *Documento Orientador para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Lajeado*, alinhada à *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e ao *Referencial Curricular Gaúcho (RCG)*, elaborado com a participação dos



professores. As salas de aula possuem uma organização tradicional, com carteiras dispostas em filas voltadas para o quadro branco. Nas aulas, os alunos registram as atividades no caderno e utilizam materiais impressos, complementados por explicações no quadro.

Nos quatro dias dedicados à observação, acompanhei aulas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Ensino Religioso. De maneira geral, as aulas seguiam um formato semelhante: as professoras iniciavam retomando atividades pendentes da aula anterior, distribuíam materiais impressos e orientavam os alunos na execução dos comandos propostos. Esse modelo proporcionava uma rotina clara, mas também revelou variações no comportamento dos estudantes, influenciadas pela troca de professor, pela afinidade ou rigor na mediação, pelo interesse no conteúdo, e pela dificuldade das tarefas.

A turma do 6º Ano A2, composta por 20 alunos (11 meninas e 9 meninos), apresentou uma dinâmica heterogênea, variando entre alunos participativos e reservados. Alguns alunos solicitam auxílio para realizar as atividades, enquanto outros demonstram falta de confiança para pedir ajuda, o que exige atenção constante do professor ao grupo. Embora os alunos sejam rápidos na execução de exercícios estruturados, muitos enfrentam dificuldades na leitura fluente e na produção textual. Além disso, foi comum a não realização das tarefas de casa e a frequência irregular de alguns estudantes, o que impacta o andamento das atividades.

Com base nas observações realizadas e na fundamentação teórica estudada, iniciamos um exame detalhado da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* para mapear os objetos do conhecimento previstos para os três componentes no 6º ano. Esse levantamento revelou inúmeras possibilidades, mas também a necessidade de delimitar o foco do projeto. Desde o início, a intenção era trabalhar com algo que incentivasse a manifestação da subjetividade, proporcionando aos alunos um espaço para expressarem suas identidades e refletirem sobre si mesmos. Como o estágio é um período curto, era essencial que as atividades fossem significativas e prazerosas para todos os envolvidos.

Inicialmente, considerei abordar o tema do *bullying* devido ao seu impacto no ambiente escolar e à sua conexão direta com as experiências vividas pelos alunos. No entanto, logo percebi que o *bullying* é apenas a manifestação externa de questões mais profundas, enraizadas nas relações humanas e na construção das identidades individuais e coletivas. Ele reflete padrões hegemônicos que funcionam como mecanismos de exclusão e repressão, marginalizando aqueles que não se ajustam aos modelos dominantes.

Como destacam Carvalho et al. (2012, p. 134), “o estigma desempenha um papel central na produção e reprodução das relações de poder e controle em todos os sistemas sociais”. Na sociedade brasileira, “é no fenótipo do indivíduo, em sua aparência mais externa, que estaria o



primeiro canal de exclusão de um sujeito” (CARVALHO et al., 2012, p. 134). Essas análises evidenciam que o *bullying*, longe de ser um fenômeno isolado, está intimamente relacionado a estruturas sociais que perpetuam desigualdades e reforçam exclusões baseadas na aparência e em outros marcadores de identidade.

Essa reflexão ampliou o escopo do projeto, direcionando-o para uma abordagem que problematizasse não o *bullying* em si, mas o sistema que o alimenta, permitindo aos alunos compreender e desafiar essas dinâmicas de poder. Bauman (2001) destaca que, na contemporaneidade, a identidade é volátil e constantemente reconfigurada, criando a ilusão de liberdade de escolha. Contudo, essa liberdade é limitada pelas imposições sociais que perpetuam desigualdades de gênero, raça e classe. Tais dinâmicas se manifestam de forma explícita, especialmente no que diz respeito ao corpo, que, como afirmam Carvalho et al. (2012), é a matéria-prima a partir da qual a cultura constrói significados sobre o masculino e o feminino, sem permitir questionamentos sobre as diferentes formas de ser homem ou mulher.

Ao abordar questões como identidade e diversidade, não poderíamos deixar de pensar nas desigualdades que perpassam as relações sociais e a ideia amplamente defendida de democracia racial. Carvalho et al. (2012, p. 133) sustentam que, “a inexistência de ‘conflitos raciais abertos’ no período pós-abolição levou muitos a pensarem numa sociedade harmônica em termos raciais”, quando na verdade o que sempre existiu foi a imposição da vontade e dos padrões da raça detentora do poder hegemônico sobre as demais raças que compõem o país. Nesse sentido, o projeto se propõe a explorar como os padrões culturais afetam a percepção que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros, incentivando uma tomada de consciência sobre esses atravessamentos.

Este projeto tem, assim, o objetivo de fomentar atitudes positivas em relação à própria identidade, promovendo a compreensão dos fatores internos e externos que moldam o “eu”. De acordo com Hall (2006), o sujeito constrói e modifica sua essência interior em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores. Essa dinâmica é fundamental para compreender como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa na reflexão sobre identidades, sonhos e desafios. Assim, passei a buscar, como ponto de partida, textos literários que permitissem uma abordagem sensível e reflexiva.

A seleção das obras literárias foi guiada pela seguinte pergunta: como a literatura pode nos ajudar a compreender melhor nossas vontades, sonhos e aspirações, bem como os desafios que enfrentamos? Com base nessa perspectiva, foram incluídos textos como *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga; *Extraordinário*, de R.J. Palacio; e *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus; além do conto *O Menino que Fazia Versos*, de Mia Couto. Esses textos foram



escolhidos por abordarem questões como identidade, preconceito, exclusão e superação. Ao mesmo tempo, a música *Firework*, de Katy Perry, foi incluída como um recurso para estimular discussões sobre autoimagem e autoestima. Essas escolhas refletem a busca por linguagens diversas que dialoguem com as vivências dos alunos e ampliem suas perspectivas.

Após a definição do tema, dos problemas a serem enfrentados e dos textos literários que dariam suporte ao projeto, optei pela escrita de uma carta autobiográfica como produto final. A proposta deveria integrar as leituras compartilhadas, as dinâmicas e as análises textuais realizadas ao longo do processo. Os alunos seriam convidados a criar um personagem fictício e escrever para ele, compartilhando aspectos de suas identidades, sonhos e desafios. Com essa abordagem, buscava-se conectar os textos literários às vivências dos estudantes, promovendo empatia e o reconhecimento das diferenças como elementos enriquecedores.

Além disso, planejei a construção de um livro que reunisse as atividades desenvolvidas ao longo do projeto, com o objetivo de dar visibilidade às produções dos alunos, incentivar a reflexão crítica e promover a expressão subjetiva. Para concluir a sequência didática, elaborei atividades de análise linguística que integrassem reflexões sobre os adjetivos ao contexto das problematizações abordadas no projeto. A proposta visava fortalecer a articulação entre o desenvolvimento linguístico e as discussões sociais e identitárias trabalhadas.

Por fim, o trabalho com literatura, música e produção textual se articula com a ideia de que a escola pode e deve ser um espaço de resistência às imposições hegemônicas. Ao problematizar os mecanismos de exclusão e reforçar o valor das individualidades, sem enaltecer o individualismo, busca-se não apenas transformar o olhar dos alunos sobre si mesmos, mas também contribuir para a construção de uma comunidade mais inclusiva e acolhedora. Afinal, como destaca Bauman (2001), a verdadeira liberdade está em reconhecer e desafiar as fantasias da identidade impostas pela sociedade.

O período de regência, que previa a aplicação de 20 horas-aula, iniciou-se com a exploração da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga. Escolhi esse livro como base do projeto por narrar, com sensibilidade, a história de uma menina de 10 anos que enfrenta questões de identidade, vontades reprimidas e dilemas de gênero, temas alinhados ao objetivo central do projeto. Planejei a primeira aula para apresentar o projeto, promover apresentações pessoais e realizar a leitura compartilhada dos dois primeiros capítulos da obra.

Ao chegar à sala, descobri que a escola havia iniciado, naquela semana, um projeto de leitura no primeiro período da manhã. Como parte desse projeto, uma música ambiente era reproduzida nas caixas de som. Decidi ajustar o planejamento: adiei as apresentações pessoais, distribuí as cópias dos dois primeiros capítulos do livro e propus uma leitura



individual, acompanhada pela trilha sonora que criava um ambiente acolhedor. Essa mudança repentina revelou-se enriquecedora, mostrando a flexibilidade e o improviso como aspectos essenciais da prática pedagógica.

Após meia hora de leitura individual, retomamos o planejamento inicial e iniciamos a exploração do livro discutindo o título, a capa e a estrutura da obra. Em seguida, realizei a leitura compartilhada dos dois primeiros capítulos, intercalando-a com perguntas e reflexões sobre os desejos da protagonista e sua relação com a família. A interação foi proveitosa e revelou um grande envolvimento dos alunos com a narrativa.

Finalizamos a primeira aula com uma dinâmica: os alunos escreveram seus sonhos em papéis que foram simbolicamente guardados em uma “bolsa amarela”. Expliquei que as bolsas seriam mantidas fechadas e que esses sonhos seriam revisados apenas ao final do projeto. Muitos alunos participaram com entusiasmo, enquanto outros demonstraram resistência, preferindo guardar para si seus anseios.

Na segunda aula, exploramos o tema da construção de personagens. Revisitamos os capítulos lidos e aprofundamos a discussão sobre a protagonista, analisando sua personalidade, os conflitos internos e a relação com a família. A turma identificou que a protagonista sentia-se sozinha e ridicularizada, criando personagens fictícios que incorporavam características desejadas e ofereciam as respostas que ela gostaria de ouvir. A identificação foi particularmente notável entre as meninas, que comentaram o desejo da personagem de ser homem, relacionando-o às desigualdades de gênero percebidas na idade delas.

Apresentei, então, os elementos básicos para a construção de personagens, incentivando os alunos a criarem os seus próprios. Eles nomearam, descreveram características físicas e psicológicas e desenharam os personagens. Percebi que, em muitos casos, os personagens refletiam idealizações: atletas bem-sucedidos, indivíduos com características físicas admiradas ou habilidades impressionantes, mas que ainda assim demonstravam incertezas sobre o futuro. Esse exercício evidenciou como as aspirações e os desafios individuais permeiam o imaginário dos alunos.

Outro momento marcante foi a aula sobre a música *Firework*, de Katy Perry. Começamos com uma discussão sobre autoestima e como a música pode influenciar nossa percepção sobre nós mesmos. Assistimos ao videoclipe da música, o que provocou diversas reações: alguns alunos demonstraram empolgação, enquanto outros riram em momentos que abordavam temas sensíveis, como a cena de uma menina acima do peso considerado ideal pulando na piscina ou o beijo entre dois meninos homossexuais. Esse comportamento



reforçou a importância de abordar questões como aceitação e respeito no ambiente escolar. Retomei a atenção da turma conduzindo uma discussão sobre defeitos e qualidades, e concluímos a aula refletindo sobre o potencial único de cada um para "explodir" e brilhar, assim como na música.

Para trabalhar a classe gramatical dos adjetivos, conectei o tema ao título do livro *A Bolsa Amarela*. A atividade inicial incentivava os alunos a refletirem sobre como os adjetivos influenciam nossa autopercepção e como descrevem pessoas e situações. Apesar de familiarizados com exercícios de identificação de adjetivos, os alunos encontraram dificuldade em explicar como a posição do adjetivo na frase pode alterar seu sentido. Esse ponto evidenciou lacunas que poderiam ser trabalhadas em aulas futuras.

Ao longo do projeto, os alunos escreveram três cartas direcionadas aos personagens fictícios que criaram, refletindo diferentes estágios da construção narrativa: a descrição inicial, o contexto familiar e reflexões sobre os temas abordados no projeto. Durante esse processo, percebi a necessidade de desenvolver atividades específicas para aprimorar a escrita, com foco no uso adequado da pontuação e na organização das ideias. Ao mesmo tempo, foi nesse momento que tive contato mais direto com suas histórias. Assim como nas reflexões coletivas, os textos dos alunos revelaram maturidade, abordaram situações familiares relevantes e trouxeram à tona questões cotidianas enfrentadas por eles, demonstrando uma percepção muito consciente da própria realidade.

Outro ponto relevante foi a leitura do conto *O Menino que Fazia Versos*, de Mia Couto, que suscitou reflexões sobre gênero, preconceito e as expectativas impostas pela família e pela sociedade. Como de costume, fiz algumas perguntas para estimular a conversa, mas os alunos demonstraram dificuldade em externalizar suas ideias. Preferi não forçar respostas, pois queria construir um diálogo a partir das percepções deles. Observando que estavam visivelmente reflexivos, optei por não avançar no tema naquele momento, reconhecendo a necessidade de mais tempo para abordar questões tão complexas de forma mais efetiva.

Nas aulas finais, introduzimos o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para discutir questões sociais e identitárias. O impacto foi grande, especialmente entre as alunas que sonham em ser escritoras, ao perceberem como a autora transformou suas vivências em resistência. As discussões levantaram questões sobre racismo, preconceito e como os sonhos da infância podem ser apagados pela realidade adulta. Esse debate foi enriquecedor e revelou o potencial dos alunos para articular ideias sobre justiça e empatia.

Concluímos o projeto com a aula “Extraordinário é Você”, inspirada na obra

Extraordinário, de R.J. Palacio. Refletimos sobre autoimagem e a influência das redes sociais,



assistindo ao trailer do filme, realizando a leitura de um excerto do livro e discutindo os padrões de beleza impostos pela sociedade. A atividade prática, que propunha tirar uma foto em grupo e criar legendas reflexivas, enfrentou alguma resistência inicial por parte dos alunos. Ainda assim, as legendas produzidas revelaram a complexidade da relação dos alunos com sua própria autoimagem, evidenciando um desafio que, embora difícil de ser superado, precisa ser problematizado continuamente no ambiente escolar.

Ao devolver as cartas e revisar a dinâmica da “bolsa amarela”, muitos alunos optaram por manter seus sonhos guardados, preferindo não compartilhar seus textos em um livro de divulgação do projeto. Essa decisão pode refletir a profundidade e a seriedade com que vivenciaram as atividades, indicando que ainda não se sentem prontos para expor suas reflexões em um espaço que não considerem totalmente seguro. Os relatos compartilhados, no entanto, evidenciaram o impacto significativo do projeto, que os incentivou a olhar para si mesmos de forma mais atenta.

O impacto das atividades do projeto de estágio foi significativo, evidenciado pelo engajamento dos alunos nas discussões e pela evolução na confiança com que se expressaram. No entanto, observei que alguns alunos não se sentiam confiantes para participar, o que demandou chamá-los constantemente para expressarem sua opinião, mesmo que fosse apenas para indicar concordância ou discordância com o que estava sendo discutido. A metáfora da bolsa amarela, utilizada como eixo central do projeto, mostrou-se especialmente eficaz, despertando o interesse e a criatividade dos estudantes.

Os alunos demonstraram ser bem treinados em exercícios de classificação morfológica. Contudo, alguns desafios também foram identificados, como dificuldades na construção de períodos completos, na pontuação adequada e na retenção do conhecimento a longo prazo. Essas dificuldades evidenciam a necessidade de estratégias que estimulem a relação de sentido e o uso prático da língua.

Esses aspectos apontam para a importância de trabalhar com atividades que conscientizem os alunos sobre os constituintes sintáticos e reforcem a centralidade do verbo no período. Uma abordagem mais integrada, que relacione a consciência sintática com a morfologia desde o início, pode ser uma alternativa ao ensino tradicional. Mesmo assim, o projeto conseguiu atingir seus objetivos, fomentando reflexões importantes e promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa.

Portanto, o projeto mostrou-se relevante para iniciar um processo de conscientização e transformação, mas também evidenciou os desafios de se trabalhar em um contexto que reflete desigualdades estruturais. Esses resultados reforçam a necessidade de continuar



explorando metodologias que integrem reflexão, criatividade e aplicação prática, reconhecendo a complexidade do papel da escola na sociedade.

Em um mundo cercado por tecnologias e interatividade, chamar a atenção de alunos pré-adolescentes para um texto literário pode parecer, à primeira vista, uma tarefa quase impossível. Mas, na verdade, esses jovens estão cada vez mais receptivos a conversar sobre qualquer assunto. A literatura pode ser um caminho possível, e a escola deve estar preparada para acompanhar esses movimentos. A vontade de saber e, mais ainda, a vontade de falar, comentar, compartilhar e criar têm ganhado força nos últimos anos. Como bem observam Aquino e Dipp (2018, p. 473), “Sem guardiões absolutos do saber, a informação propagada em alta velocidade e disponível em múltiplas telas ganha status de conhecimento. Paira nas nuvens digitais a sensação de poder apropriar-se dos mais diversos saberes”.

Estar atento a esses movimentos significa recusar o discurso simplista de que os alunos não demonstram interesse ou de que apenas a tecnologia pode resolver os desafios da educação. É trazer os debates da sociedade para dentro da sala de aula, compreender as inquietações dos alunos e permitir que se manifestem de diversas formas, respeitando suas subjetividades. Significa criar condições para que o estudante ultrapasse os obstáculos impostos pela sociedade e suas próprias expectativas. O grande papel da escola é promover um espaço para reflexão e crescimento. Como afirmam Masschelein e Simons (2014, p. 36), “a escola cria igualdade precisamente na medida em que constrói o tempo livre, isto é, na medida em que consegue, temporariamente, suspender ou adiar o passado e o futuro, criando, assim, uma brecha no tempo linear”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado foi uma experiência profundamente enriquecedora, tanto no aspecto profissional quanto no pessoal. Durante esse período, tive a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica, ao mesmo tempo em que enfrentei os desafios reais da sala de aula. Desenvolver o projeto Construindo Identidades: Literatura, Corpo e Diversidade na Escola foi mais do que uma tarefa pedagógica; foi um encontro com as vivências dos alunos e, também, com as minhas próprias inquietações como educador em formação.

Trabalhar temas como identidade, diversidade e corpo no ambiente escolar revelou-se desafiador, mas extremamente significativo. Encontrei alunos que, apesar de suas dificuldades com leitura fluente ou escrita coesa, demonstraram enorme potencial para refletir sobre



questões que, muitas vezes, não têm espaço na escola. Ainda que o tema tenha se revelado amplo demais para o tempo disponível, foi emocionante ver como a literatura despertou neles a capacidade de olhar para si mesmos e para o outro com mais empatia e sensibilidade.

Ao pensar na possibilidade de replicar esse projeto em outros contextos, acredito que a chave seja a flexibilidade. Cada escola, cada turma, cada aluno tem sua própria realidade, e é essencial adaptar as atividades às vivências e necessidades do grupo. A seleção das obras literárias e dos recursos, por exemplo, deve dialogar diretamente com o contexto local para gerar identificação e engajamento. Isso exige uma escuta atenta e um olhar mais humano para compreender as particularidades de cada um.

Essa experiência reafirmou para mim que ser educador vai muito além de ensinar conteúdos. Trata-se de criar espaços de acolhimento, onde os alunos possam se sentir seguros para expressar suas ideias. Cabe ao professor, especialmente no ensino da linguagem, criar espaços para ouvir, tanto oralmente quanto nos textos, aquilo que seus alunos têm a dizer. Mais do que resultados imediatos, o que ficou desse estágio foi a certeza de que pequenas mudanças no cotidiano da sala de aula podem gerar grandes impactos na vida dos estudantes. Esse é um aprendizado que levarei comigo e que continuará moldando minha trajetória como educador.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Isis Stadulne; DIPP, Renata Placido. A escola (a)pesar: a educação em tempos de leveza hipermoderna. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 471–477, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/29404>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

CARVALHO, Ana Paula Comin de, et al. **Desigualdades de Raça, Gênero e Etnia**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

COUTO, Mia. **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio** [recurso eletrônico]. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584290949/pageid/1>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PALACIO, R. J. **Extraordinários**. Tradução: Rachel Agavino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PERRY, Katy. **Firework**. Intérprete: Katy Perry. Compositores: Katy Perry, Mikkel S. Eriksen, Tor Erik Hermansen, Sandy Wilhelm, Esther Dean. Álbum: Teenage Dream. Capitol Records, 2010. Disponível em: <<https://www.letras.com/katy-perry/1731882/>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

